

COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

Miguel Rodrigues Netto
(Organizador)

3

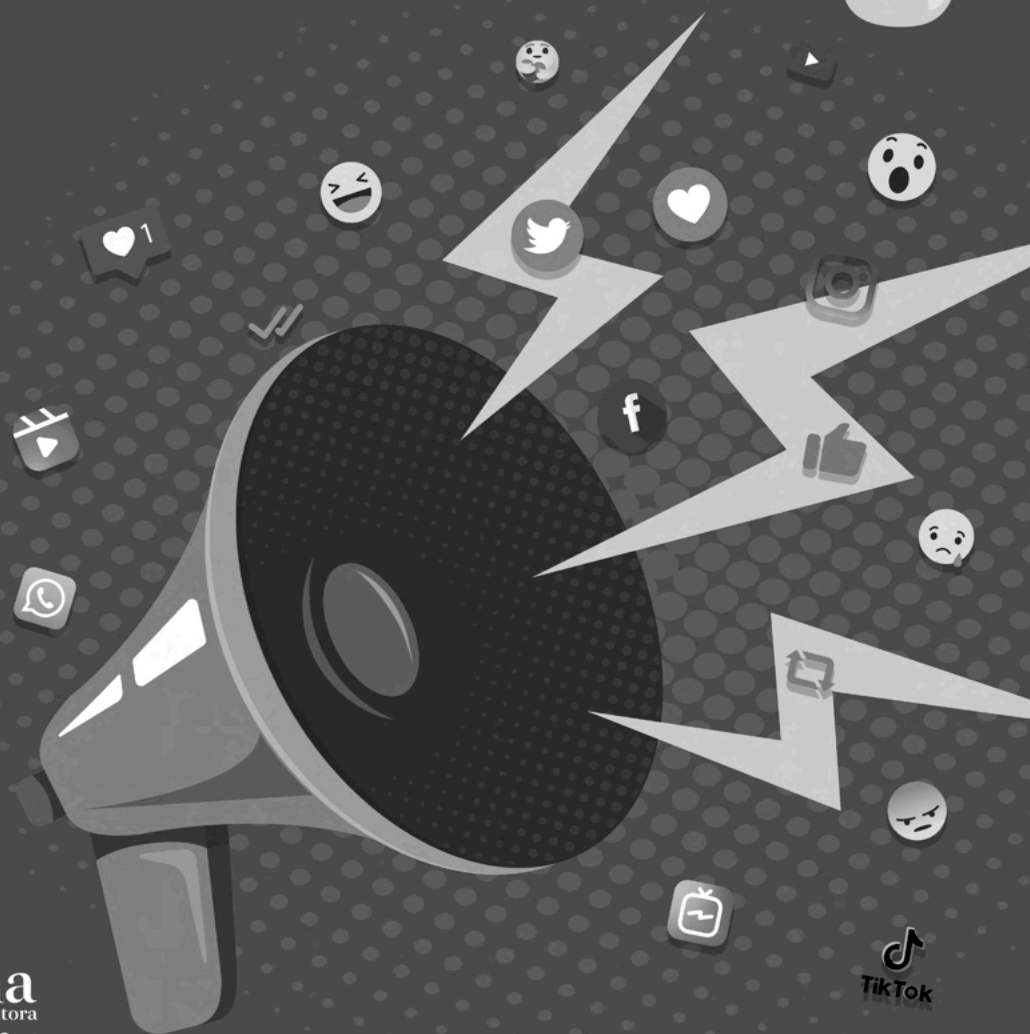


COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

Miguel Rodrigues Netto
(Organizador)

3



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Miguel Rodrigues Netto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 3 /
Organizador Miguel Rodrigues Netto. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0657-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.570222709>

1. Comunicação. 2. Mídias. I. Rodrigues Netto, Miguel
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Mídias, temporalidade e processos sociais em perspectiva

Como saber se uma obra trata do tempo presente?! Como identificar os processos sociais e culturais que afetam e são afetados pelos atores sociais deste tempo?! Pode haver diversas maneiras, mas certamente observar e analisar as mídias de uma época e as discussões a respeito delas é uma das formas, para se conhecer, tanto a temporalidade desde onde se fala, quanto os processos sociais e culturais imbrincados neste contexto.

Como ressalta o professor e pesquisador da cibercultura André Lemos, em uma entrevista para a TVUFBA (2005), as capacidades cognitivas dos seres humanos são, em grande medida, fruto de suas interações com as tecnologias, desde as mais remotas como o fogo, ou as pedras até as mais recentes como os aplicativos ou o metaverso, por exemplo. Portanto, com o correr do tempo, os avanços tecnológicos são incorporados de tal forma à vida social, que passam a se constituir, também, como textos culturais. Mas, como lembra o mesmo professor, o desenvolvimento ferramental da mídia não é sinônimo de que as relações humanas se tornem menos relevantes, pelo contrário, assim como o filósofo Zigmund Baumann (2011), Lemos (2005) diz que, quanto mais conectada a pessoa esteja, maior é sua busca por estabelecer relações com outras pessoas.

Essas mudanças nas estruturas sociais acontecem prioritariamente via suportes midiáticos, com destaque para os celulares, um dos ícones mais representativos da cultura da convergência, “onde as velhas e novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” como explica Jenkins (2009, p. 29). Aliás, estes aparelhos são os “entes” mais próximos e familiares de cada pessoa na sociedade contemporânea. Como lembra Bauman (2011, p. 06), esses aparelhos são carregados “no bolso, dia e noite, para onde quer que nos desloquemos”, transformando-se, deste modo, em espécies de próteses contemporâneas, porém com muito mais recursos do que qualquer membro humano, se visto isoladamente.

Mas ainda que estes aparelhos sejam os “entes” mais próximos e familiares da grande maioria da população, ainda não substituíram as relações humanas, que continuam a existir, mesmo via ciberespaço. Como coloca Adriana Souza e Silva (2004), as relações sociais e interações humano-humano tendem inclusive a aumentar após a ascensão da internet móvel, principalmente via celular, com os quais podemos estar em qualquer lugar. E a adesão aos aplicativos ou participações em redes sociais nos demonstram isso, pois a grande maioria deles surge para movimentar ou proporcionar relações entre pessoas, mesmo num tempo em que ninguém tem tempo a perder.

E, ainda que vejamos no cinema relações afetuosas entre humano e máquina, em filmes como: O Homem Bicentenário (CHRIS COLUMBUS, 1999), Her (SPIKE JONZE,

2014), *Ex-Machina: Instinto Artificial* (ALEX GARLAND, 2015), dentre outros, na atual conjuntura, a grande busca da humanidade ainda é por ser vista, notada e se relacionar com pessoas. Aliás, como salienta Jenkins (2009), na atualidade as produções são no geral colaborativas, sendo, portanto, possível inferir que as trocas são demasiado importantes para a construção dos saberes. Portanto, mesmo que se queira aprofundar os laços afetivos e os avanços tecnológicos contribuem para isso, na medida em que proporcionam cada vez mais acesso a relacionamentos; as pessoas, por outro lado, tem sempre menos tempo para alimentar cada relação, pois estas agora encontram-se na casa das centenas ou até milhares de conexões.

No caso do aplicativo Whatsapp, por exemplo, ao qual eu dediquei já certo tempo de estudo, seus criadores Brian Acton e Jan Koum (2012), em postagem no Blog do WhatsApp, falam sobre a vontade de desenvolver algo que deixasse os usuários acordados e que simultaneamente fosse aquilo pelo que as pessoas anseiam de manhã. Assim, o aplicativo surgiu como uma alternativa a mensagens do tipo SMS, que além de terem custos de envio, não dispunham das mesmas inovações ofertadas pelo WhatsApp, como envio de fotos, mensagens de áudio e vídeo. Eles tinham tanta razão, que o aplicativo atualmente é o mensageiro mais popular entre usuários de smartphones do mundo. Assim como tantos outros avanços tecnológicos, este surgiu para facilitar a comunicação entre as pessoas, afinal “custo e distância nunca deveriam evitar que as pessoas se conectassem com seus amigos e família” (Blog do Whatsapp, 2014) e é claro que pelo menos de início, de forma ideológica e às vezes utópica estas são criadas para serem compartilhadas “nós não vamos descansar até que todo mundo, onde quer que estejam, possam desfrutar desta oportunidade.” Deste modo, à medida que o tempo avança, as novas tecnologias são incorporadas de tal forma na vida social, que passam também a constituir os textos culturais da sociedade.

No caso específico do WhatsApp sua relevância social ganhou mais notoriedade e tornou-se consubstanciada ao alcançar a marca histórica de 1bilhão de usuários, em fevereiro de 2015. Tornando-se um dos poucos serviços que conectam esta quantidade de pessoas. O post “Um bilhão” datado de 01 de fevereiro de 2016 disponível no Blog do WhatsApp diz “(...) quase uma em cada sete pessoas na Terra usa WhatsApp todo mês para estar em contato com seus amados, amigos e família”. O mesmo post apresenta diversas situações sobre o uso ou inserção do WhatsApp “Seja ao compartilhar informações vitais durante um desastre natural, uma situação emergencial de saúde, ou ao marcar um encontro, começar um pequeno negócio, comprar um anel de noivado, ou simplesmente na esperança de encontrar uma vida melhor” apresentando-o como uma ferramenta facilitadora e propagadora da comunicação e consequente colaboração humana. A partir desta colocação é possível pensar neste aplicativo, como algo ligado e projetado para o tempo do lazer/fruição, porém, o aplicativo pode servir paradoxalmente como uma ferramenta capaz de “aumentar” o tempo que as pessoas dedicam ao trabalho.

A sociedade contemporânea tem seus meios de pressionar os cidadãos para que fiquem on-line 24 horas, seja para o trabalho ou para o lazer/fruição. Deste modo, o telefone celular, objeto que há algumas décadas atrás não fazia parte do cotidiano da maioria das pessoas, hoje assume papel de protagonista e segue o tempo todo junto (literalmente), da imensa maioria, do nascer a muito depois do pôr-do-sol. O que faz com que os recados enviados pelo WhatsApp sejam realmente mais eficientes, ou mais rapidamente vistos, do que os transmitidos por grupos de Facebook ou pelos antigos SMS. Para uma sociedade ansiosa, construída sob a égide da descontinuidade, da volatilidade e da fluidez, uma função que certifique a entrega e leitura das mensagens enviadas vem bem a calhar. Talvez com isso em mente e tendo como plano de fundo a questão de “economia” de tempo, a equipe do aplicativo lançou os tiques azuis, que aparecem do lado das mensagens.

É navegando por esta enseada que o livro “Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 3” vai desenhando sua rota e dialogando com questões sociais prementes da contemporaneidade, dentre elas: a busca por resgatar o convívio, entre os discentes/estagiários do Jornal Laboratório Ponto de Partida (JPP), fortemente abalado pela Pandemia de Covid19; a representação da vítima de feminicídio nas reportagens do Jornal Nacional; o uso de *soft power* pelo exército sul coreano, que importou estratégias da indústria do K-pop para transformar esse serviço em uma experiência cultural geradora de renda e propagandas positivas para as forças armadas, quando o ídolo Park Chanyeol, membro do grupo EXO, realizou seu alistamento; a explanação sobre como a cultura adquire e organiza o conhecimento em um determinado período histórico; a análise de promoção das marcas inseridas em uma narrativa seriada; as dimensões textuais, a prática discursiva e social que envolve o Superman, personagem ideológico, que não existe concretamente, mas que possui um discurso real e que pode inspirar pessoas e ainda, o paradigma estabelecido a despeito da necessidade de comunicação e transmissão de saberes entre as comunidades rurais, populares, camponesas e ou afrodescendentes com a comunidade científica, evidenciando o papel da comunicação nos processos de Apropriação Social do Conhecimento.

Todas essas questões colaboram para a construção desta teia complexa e repleta de nós e emaranhados, que vai se consolidando como o próprio tecido social. Assim, na medida em que, a sociedade vai interagindo e modificando os discursos, as práticas e as epistemes geram novos sentidos para as tantas discussões, análises e observações que são devidamente amarradas e orquestradas pela batuta do pesquisador Miguel Rodrigues Netto, organizador da presente obra.

Desta maneira, o livro adquire ritmo cadenciado e as pesquisas aqui apresentadas traçam o panorama de um presente contínuo, que vê seu passado com olhos críticos, já que este é um processo contínuo de interpretações construídas pelo historiador que se debruça sobre o contexto e se esforça em desvendá-lo (FOUCAULT, 1999). E, de um futuro composto por um misto de preocupação e esperança.

Preocupação pelos tipos de relação que vem se estabelecendo, ou seja, a superficialidade, ou como preferia Bauman (2011), a liquidez das relações. E esperança porque a contemporaneidade vai adaptando o que era visto como desvantagem e agregando sempre novas perspectivas, olhares e ideias, adicionando soluções, como demonstram alguns exemplos que serão apresentados no decorrer do livro, dentre elas: a saída encontrada pelos responsáveis pelo Jornal Laboratório Ponto de Partida (JPP), do curso de Jornalismo da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO) com o uso do aplicativo Discord para o gerenciamento das rotinas de produção do mesmo; o uso de *software* para prevenção ao uso de drogas, ou ainda, como sonhara Pierre Levy, lá atrás nos primórdios da cibercultura, a comunicação como ponte para apropriação social do conhecimento.

É uma obra panorâmica sobre a sociedade contemporânea, que abarca discussões e reflexões para uma gama ampla e complexa de questões. Com perspectivas críticas que podem contribuir para a construção de um futuro mais equilibrado para a humanidade, sobretudo a partir da comunicação mais equitativa e reflexiva.

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

JORNAL LABORATÓRIO PONTO DE PARTIDA: O USO DO APLICATIVO DISCORD PARA SIMULAR UMA REDAÇÃO JORNALÍSTICA

Mirian Martins da Motta Magalhães

Telma Regina Esteves Lanini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227091>

CAPÍTULO 2..... 14

FEMINICÍDIO NO HORÁRIO NOBRE: QUEM É A VÍTIMA REPRESENTADA NAS REPORTAGENS DO *JORNAL NACIONAL*?

Janie Kiszewski Pacheco

Gabriella Elisa Machado Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227092>

CAPÍTULO 3..... 27

HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO: DOS TAMBORES TRIBAIS ÀS TRIBOS DO METAVERSO

Geraldo Pieroni

Eduardo Fernando Uliana Barboza

Giovana Ferri

Joao Victor Silva de Sousa

Leandro Rachel Arguello

Marcos Antônio Nunes

Pedro Gabriel de Souza e Costa

Priscila Guglielmin


Roberta C. Gobbi Baccarim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227093>

CAPÍTULO 4..... 52

NARRATIVAS SERIADAS E MERCHANDISING EDITORIAL: MARCAS INSERIDAS NA MINISSÉRIE VERDADE SECRETAS

Fabio Henrique Feltrin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227094>


CAPÍTULO 5..... 67

USO DA MÍDIA ELETRÔNICA COMO AGENTE DE EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E RECUPERAÇÃO DE TOXICÔMANOS

Janecler Foppa

Joaquim José Jacinto Escola

Otilia Monteiro Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227095>


CAPÍTULO 6..... 80

DE *IDOL* A SOLDADO E DE SOLDADO A *IDOL*: COMO A COREIA DO SUL

TRANSFORMOU O SERVIÇO DE PARK CHANYEOL EM UM EVENTO CULTURAL

Tatiana Machado Boulhosa


Guilherme William Udo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227096>

CAPÍTULO 7..... 99

SUPERMAN: ENTRE QUADRINHOS, DISCURSO E 11 DE SETEMBRO

Marcelo Travassos da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227097>

CAPÍTULO 8..... 113

ELEMENTOS DE HIBRIDISMO CULTURAL NA MÚSICA *LOIRINHA BOMBRIL* DE PARALAMAS DO SUCESSO

Miguel Rodrigues Netto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227098>

CAPÍTULO 9..... 127

COMUNICACIÓN, PUENTE PARA LA APROPIACIÓN SOCIAL DEL CONOCIMIENTO

Maira Alejandra Meléndez Nieto

Andrea del Pilar Pabón Méndez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227099>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 140

ÍNDICE REMISSIVO..... 141

COMUNICACIÓN, PUENTE PARA LA APROPIACIÓN SOCIAL DEL CONOCIMIENTO

Data de aceite: 01/09/2022

Maira Alejandra Meléndez Nieto

Universidad: Corporación Universitaria Minuto de Dios - UNIMINUTO
Programa: Comunicación Social- Periodismo
Miembro del Semillero de Investigación:
Semillero Estudios Organizacionales, SEO
<https://orcid.org/0000-0003-3799-6721>

Andrea del Pilar Pabón Méndez

Universidad: Corporación Universitaria Minuto de Dios - UNIMINUTO
Programa: Comunicación Social - Periodismo.
Integrante del grupo de investigación Trabajo de Llano.
Líder del Semillero de Investigación: Semillero Estudios Organizacionales, SEO
<https://orcid.org/0000-0002-0518-1387>
https://scienti.minciencias.gov.co/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=0001513781

RESUMEN: La necesidad de transmitir los conocimientos cotidianos y empíricos entre las comunidades rurales, populares, campesinas y/o afrodescendientes, con la comunidad científica, es hoy, uno de los paradigmas más importantes de la comunicación. Para tales fines, se han propuesto distintos modelos de educación popular y participativa, pero estos, en últimas responden a una necesidad meramente alfabetizadora, que se transformó cuando se empezó a hablar de Apropiación Social del Conocimiento (ASC). En ese sentido, se analizará teóricamente la ASC, que a grandes rasgos es un proceso

educativo y pedagógico por medio del cual la ciencia y los saberes comunitarios convergen en una misma dirección. Tales acercamientos entre actores científicos y sociales se articularán desde las herramientas de la comunicación. Por esta razón, el objetivo general de esta investigación documental es establecer el papel de la comunicación en los procesos de ASC; además, como específicos, se pretende analizar la edu-comunicación como una estrategia de apropiación social del conocimiento y determinar las herramientas que la comunicación aporta a los procesos de Apropiación Social del Conocimiento. Para desarrollarla, se abordó desde la investigación documental; con enfoque cualitativo; de carácter interpretativo. De tal modo, se estableció que, la comunicación comulga con los pilares de la ASC, al permitir espacios de acoplamiento y participación orientados a comunicar dichos saberes de forma pluridireccional e interdisciplinar.

PALABRAS CLAVE: Apropiación Social del Conocimiento. Comunidad. Actores sociales. Rural. Comunicación. Educación. Herramientas. Participación.

ABSTRACT: The need to transmit daily and empirical knowledge between rural, popular, peasant and / or Afro-descendant communities, with the scientific community, is today one of the most important communication paradigms. For these purposes, different models of popular and participatory education have been proposed, but these ultimately respond to a merely literacy need, which was transformed when people began to speak of Social Appropriation of Knowledge

(ASC). In this sense, the ASC will be theoretically analyzed, which is broadly an educational and pedagogical process through which science and community knowledge converge in the same direction. Such approaches between scientific and social actors will be linked to the tools of communication. For this reason, the general objective of this documentary research is to establish the role of communication in ASC processes; Furthermore, as specific, it is intended to analyze education-communication as a strategy for the social appropriation of knowledge and to determine the tools that communication contributes to the processes of social appropriation of knowledge. Through a documentary investigation; with a qualitative approach; of an interpretative nature, it was established that communication communes with the pillars of the ASC, since it was understood that these processes are more fruitful and pragmatic, in the sense that they allow spaces for coupling and participation aimed at communicating said knowledge in a pluridirectional and interdisciplinary.

RESUMO: A necessidade de transmitir conhecimentos cotidianos e empíricos entre as comunidades rurais, populares, camponesas e / ou afrodescendentes, com a comunidade científica, é hoje um dos mais importantes paradigmas de comunicação. Para tanto, diversos modelos de educação popular e participativa têm sido propostos, mas estes acabam respondendo a uma necessidade meramente de alfabetização, que se transformou quando se começou a falar em Apropriação Social do Conhecimento (ASC). Nesse sentido, será analisado teoricamente o ASC, que é, de forma ampla, um processo educacional e pedagógico por meio do qual ciência e conhecimento comunitário convergem na mesma direção. Tais abordagens entre atores científicos e sociais estarão vinculadas às ferramentas de comunicação. Por este motivo, o objetivo geral desta pesquisa documental é estabelecer o papel da comunicação nos processos de ASC; Ademais, como específico, pretende-se analisar a educação-comunicação como estratégia de apropriação social do conhecimento e determinar as ferramentas que a comunicação contribui para os processos de apropriação social do conhecimento. Através de uma investigação documental; com abordagem qualitativa; de natureza interpretativa, estabeleceu-se que a comunicação comunga com os pilares das ASC, uma vez que se entendeu que esses processos são mais fecundos e pragmáticos, na medida em que possibilitam espaços de acoplamento e participação voltados à comunicação desses conhecimentos de forma pluridirecional e interdisciplinar.

INTRODUCCIÓN

Se entiende la Apropiación Social del Conocimiento (ASC) el proceso educativo que responde a la necesidad de que el conocimiento científico sea llevado a escenarios comunitarios, rurales y participativos. Procesos que, en definitiva, deberían ir atravesados por herramientas comunicativas que permitan, tanto al personal científico, como a las comunidades, acoplarse a través de estrategias participativas y cooperativas que logren finiquitar los objetivos planteados para cada caso específico.

La transmisión de saberes entre la comunidad y los científicos representa grandes desafíos de comunicaciones, que se traducen como una línea de comunitario para una adecuada Apropiación Social del Conocimiento, que definida por Min Ciencias es: “un

proceso de comprensión e intervención de las relaciones entre tecnociencia y sociedad, construido a partir de la participación de los diversos grupos sociales que generan conocimiento” (Ibáñez Yara, 2020).

Teniendo en cuenta esto, se hace vital establecer el papel que juega la comunicación en este proceso y las herramientas que ésta le puede brindar a la ASC, innegablemente, atravesada por la educación.

El abordaje teórico se hará a través de estudiosos de las ciencias sociales, como Jorge Huergo, Boaventura de Sousa Santos, Jesús Martín Barbero, Orlando Fals Borda, entre otros, los cuales vislumbran la correlación entre la comunicación y procesos de aprendizaje, innovación, democratización de la información y participación, haciendo de esta un esquema transversal.

COMUNICACIÓN EDUCACIÓN

En principio, hay que destacar que la comunicación es mucho más que medios y que la educación es mucho más que las aulas de clase.

Anteriormente, la comunicación se entendía como un proceso lineal que involucra al emisor – mensaje – receptor, sin embargo, y gracias a los avances investigativos y teóricos, la comunicación se fue agrupando a la educación, entendida como un proceso más allá de la escolarización.

Por su parte, la educación se revolucionó en América del Sur, pues cuestionó el modelo histórico que se aplicó en el mundo, incluso desde la época de Alejandría. En Chile, en 1982, durante la dictadura de Augusto Pinochet, se impulsó un importante proyecto; este se trató del Centro de Indagación y Expresión Cultural y Artística de Chile -CENECA-.

Este novedoso programa -para su época y su contexto político, económico, social y cultural- planteó la educación para la recepción, en este caso, la recepción de material de consumo emitido por los medios propagandísticos, de esta manera y a modo contestatario se agruparon la comunicación y la educación en canales para la emancipación, uniendo ambas disciplinas por y para la resistencia. “El énfasis estuvo puesto tanto en la recepción como en el mensaje mismo y su objetivo central fue promover una actitud reflexiva ante los mensajes y estimular la expresión cultural” (Fuenzalida, 1993).

Fue gracias a ese salto histórico que se conjugaron la educación para la recepción, y la comunicación, como un medio y no como un fin -medios de comunicación-. A partir de ese momento se empezaron a plantear herramientas y metodologías para la aplicación de ambas en la cotidianidad de la sociedad y la búsqueda por la emancipación y transformación de las comunidades.

En ese sentido, hablar de comunidades implicó entender que estas no eran solo urbanas, sino que las rurales jugaban un papel importante y que además merecían ser incluidas en todos los procesos que se gestaban desde las metrópolis, pues a ellas en las

provincias, no llegaba sino la educación meramente alfabetizadora y escolarizada.

De tal modo que, se propulsaron en América Latina distintos escenarios de educación, que tenían como herramienta principal los medios de comunicación. Para el caso colombiano, la apuesta de comunicación - educación se plasmó en el proyecto de alfabetización rural “Radio Sutatenza”, por medio del cual, a la radio se le dio un objetivo distinto al que tenía naturalmente. Es así como la radio pasó de transmitir información, - traducida en la no interrupción del paradigma de la comunicación: emisor – mensaje – receptor, - a educar. “Desde el punto de vista histórico, la radio fue el primer medio con vocación pedagógica” (Barbero, 1998)."

Siguiendo la línea de la educación rural, Colombia también le apostó a los docentes rurales del Norte de Santander, se impulsó el proyecto “Escuela Nueva”, el cual agrupó estudiantes de los 7 a los 12 años, en un modelo escolarizado de educación formal con respuestas al multigrado rural y a la heterogeneidad de edades y orígenes culturales de los alumnos de las escuelas urbano – marginales (Ministerio Educación Nacional). “La Escuela Nueva desarrolla en el estudiante un aprendizaje activo, participativo y cooperativo, y propende fortalecer las relaciones entre la escuela y la comunidad” (Moreno, 2008).

Para Oscar Moreno, “la comunicación-educación en el contexto rural tendría cabida en la formación de televidentes y radioescuchas críticos, de tal manera que los educandos conozcan las lógicas de los medios masivos” (Moreno, 2008). Esto significa que, la comunicación – educación no es otra cosa que el uso de procesos comunicativos desde una óptica educativa, y viceversa, es decir, la formación de sujetos sociales con conocimientos adquiridos a través de los medios, y el uso de los medios como aulas.

En ese sentido, en su texto, Heredando el Futuro, Jesús Martín Barbero se cuestiona la eficiencia que tiene la introducción de los medios de comunicación en procesos de educación:

¿Qué transformaciones necesita la escuela para encontrarse con su sociedad? Porque de lo contrario, la mera introducción de medios y tecnologías de comunicación en la escuela puede ser la más tramposa manera de ocultar sus problemas de fondo tras la mitología efímera de su modernización tecnológica.

Cuestionar el paradigma clásico, tanto de la educación, como el de la comunicación, hacía pensar que implícitamente ambas, en conjunto, se traducirían en una experiencia cultural, un entorno informacional y espacio educacional. Desafíos necesarios para lograr consolidar la edu - comunicación como un trampolín emancipador y transformador.

La participación educativa en los medios implicó nuevas sensibilidades, traducidas en diferentes modos de tiempo y espacio. Barbero, así como cuestionó la injerencia, también manifestó lo que significan los medios para la educación:

Los medios de comunicación y las tecnologías de información significan para la escuela en primer lugar, un reto cultural, que hace visible la brecha cada día más ancha entre la cultura desde la que enseñan los maestros y aquella otra desde la que aprenden los alumnos. Pues los medios no sólo descentralizan

las formas de transmisión y circulación del saber, sino que constituyen un decisivo ámbito de socialización, de dispositivos de identificación/proyección de pautas de comportamiento, estilos de vida y patrones de gustos.

Seguido de esta postura, se contempla que, la empleabilidad estratégica de las herramientas mediáticas es en últimas el eslabón que hace que la escuela pueda atravesar los procesos de cambio que requieren las comunidades y sus entornos. En ese sentido, Barbero también asegura que:

La escuela debe interactuar con los campos de experiencia en que hoy se procesan los cambios: desterritorialización/relocalización de las identidades, hibridaciones de la ciencia y el arte, de las literaturas escritas y las audiovisuales, reorganización de los saberes desde los flujos y redes por los que hoy se moviliza no sólo la información, sino el trabajo y la creatividad, el intercambio y la puesta en común de proyectos, de investigaciones, de experimentaciones estéticas.

El uso de estas herramientas aproxima la investigación a la alfabetización crítica, pues esta supone “la adquisición de habilidades que permitan a los individuos desafiar el Statu Quo; una alfabetización crítica que asuma y construya nuevas formas de ciudadanía” (Huerdo - Fernández, 1997). Lo que de nuevo se traduce como un modo de emancipación y transformación comunitaria.

Y es que, definitivamente, la pedagogía crítica tiene como columna vertebral el trabajo con los desposeídos, con el fin de transformar las desigualdades y las injusticias. “Lo político, aquí, está enlazado con la concepción de esfera pública, que representa tanto un ideal, como un referente para la crítica y la transformación social” (Huerdo - Fernández, 1997). De tal modo que, esas deben apropiarse políticamente, para que el proceso no se limite a una mera reproducción de conocimientos, como en la academia tradicional. “Implican una resistencia a ‘lo dicho’, porque ‘lo- dicho’ suele legitimar la dominación. El decir, a la vez que constituye la realidad, puede transformarla” (Huerdo - Fernández, 1997).

En todo caso, la alfabetización posmoderna crítica, se enfoca en permitir a las comunidades resistencia y apropiación. “Espacios de resignificación (en el mundo-global) de la praxis y de la lexis: de la acción política de estas comunidades y de la resemantización operada desde el diálogo” (Huerdo - Fernández, 1997), eso quiere decir que, en la medida en que los procesos edu-comunicativos son recibidos por los ciudadanos, del mismo modo, será su participación, además, teniendo siempre como pilar, la importancia de sus prácticas propias para el desarrollo óptimo de procesos pluridireccionales de aprendizaje.

En la medida que se comprenda que la educación ciudadana emancipadora se sustenta en la crítica, la práctica y el diálogo, se lograrán propulsar escenarios adecuados para introducir elementos a la ASC. “La transformación, en este sentido, de la educación ciudadana, por sobre todo, implica reconceptualizar la dinámica relación entre alfabetización y ciudadanía” (Huerdo - Fernández, 1997).

Luego de apropiarse los desafíos venideros y entendiendo la importancia de la

convergencia entre medios/comunicación y escuela/educación, desindustrializando ambos conceptos y combinándolos con lo comunitario en los procesos edu-comunicativos, se habla entonces del conocimiento propio de los actores sociales, es decir, su experiencia.

Es así, que al hablar de la experiencia como punto de partida de todo proceso edu-comunicativo se hace común incidir que, “la experiencia es la conciencia de estar con las cosas mismas, de aprehenderlas y poseerlas de modo enteramente directo” (Torres, 1967). Esto significa que, en procesos de ASC, la experiencia, lo empírico, la tradición oral y la herencia convergen con la edu-comunicación. “Antes de toda ciencia, es en la vivencia de las cosas mismas, en la evidencia de estar con ellas” (Hoyos, 2007). Lo anterior significa que, efectivamente, todos los conocimientos del mundo, antes de convertirse en ciencia, deben ser atravesados por la experiencia, y esas experiencias nacen de las vivencias propias de las personas y/o comunidades; en sentido estricto no hablamos de creación de ciencia, aplicando el método científico que todas y todos conocemos, sino que, por el contrario, convergen en la vivencia, la prueba y el error, las adaptaciones al contexto requerido a través de la ejecución y validación sobre la marcha y la transmisión de esos conocimientos a través de las comunidades y sus descendientes, esa separación -por condiciones mismas de abandono gubernamental- a la estructura del método científico, es lo que hace de la experiencia un acto de reivindicación para las comunidades. Algo similar explica Guillermo Hoyos en su texto: *Comunicación, Educación y Ciudadanía*:

No es posible un conocimiento de algo previo a la experiencia misma, ni de algo no mediado por ella. Por tanto, el punto de partida de todo proceso educativo debe ser la experiencia de la comunidad educativa: sus contextos, tradiciones, culturas.

De tal manera que, así como la ASC necesita conocimientos científicos, la ASC necesita que los actores sociales interactúen con la producción científica, por lo tanto, el acercamiento a esta participación se desprende desde la experiencia que ellos tienen frente a diversos temas, ya sean agrícolas, ganaderos, culturales, gastronómicos, comunitarios e históricos. En el momento que todos estos elementos se canalizan a un objetivo específico, es que las comunidades logran co-crear ciencia y además transformarse gracias a esta misma producción.

Y es que, en últimas, lo que requieren los ciudadanos es un sistema educativo que los capacite para poder tener acceso a la multiplicidad de discursos y mensajes en los que se producen las decisiones que lo afectan en los planos económicos, sociales, políticos y científicos. Sin lugar a duda, eso se logra, con la conjugación de la educación y la comunicación en un solo fin, la transformación diversa de las comodidades.

DEMOCRATIZACIÓN DEL CONOCIMIENTO Y PARTICIPACIÓN CIUDADANA

En primer lugar, sobra decir que el ser humano tiene como derecho fundamental el

conocimiento, pero además de eso, la democratización de dichos conocimientos implica conocer mejor lo que ya se conoce y esto se da gracias a la práctica “Nadie puede negar que la clase trabajadora tiene un saber” (Freire, Gadotti, Guimarães, Hernández, 1996). Democratizar los conocimientos involucra un proceso colaborativo en el cual se desprende del modo y se socializa el método con la comunidad “posibilitar que ella revea o reconozca lo que ya conoce (...), superar ese conocimiento que se fija al nivel de la sensibilidad de los hechos conocidos para alcanzar la razón de ser” (Freire, Gadotti, Guimarães, Hernández, 1996), es decir, que las comunidades aprendan a reconocer que sus saberes son tan importantes como cualquier otro y por lo tanto, requieren un tratamiento riguroso como el de las asociaciones científicas.

Adicional de eso, las personas también tienen derecho a conocer lo que aún no han tenido la posibilidad de conocer, pero además de ese derecho, deben participar en la producción de ese conocimiento. Para el brasileño Paulo Freire, esa creación debe pensarse desde el qué, el para qué y el para quién se gesta ese nuevo conocimiento, por lo que la clase trabajadora debe tener poder sobre los medios de producción -académica y científica, en este caso-, “estas respuestas no pueden ser dadas, a mi entender, por un grupo de técnicos, la clase trabajadora tiene que dar su opinión, también tiene que decidir”. Por ello, se debe trabajar desde el lugar de enunciación de la clase obrera, ante esto, en la discusión del texto: Pedagogía, diálogo y conflicto, Freire dice que se debe:

Partir del punto de vista de su percepción del mundo, de su historia, de su propio papel en la historia, partir de lo que sabe para poder saber mejor y no partir de lo que sabemos o lo pensamos que sabemos. Si el punto de partida está en nosotros los llamados intelectuales, no hay otro camino sino el del autoritarismo. Pero si reconozco que el punto de partida está en la clase trabajadora, en su nivel de conocimiento, el hecho de reconocer ese punto de partida ya es necesariamente poner a su disposición el método de conocimiento.

Ante esto, solo se puede decir que sí, que efectivamente la democratización del saber, tan importante para disminuir las brechas socioeconómicas, innegablemente debe estar atravesada por procesos de producción científica y académica pluridireccionales, por lo tanto, esa educación no es solo un proceso meramente educativo clásico, sino que empieza a pertenecer a lo edu-comunicativo, que, por su parte permite un proceso de aprehensión válido e incipiente, lo que indiscutiblemente se configura en una herramienta para que los proyectos de ASC sean más eficientes y arrojen mejores resultados, ya que partiendo de esa misma co-creación e integrándose a la experiencia y la participación, se pueden concluir procesos asertivos.

En ese sentido, Rosa María Torres plantea que, “para que la participación sea un instrumento para el desarrollo, empoderamiento y equidad social, debe ser significativa y auténtica” (Torres, 2001). Por lo que, Torres también insiste en que esta debe ser transversal a los diferentes escenarios educativos y la construcción de políticas públicas de carácter

educativo.

La participación ciudadana en las decisiones y acciones de la educación no es un lujo o una opción: es condición indispensable para sostener, desarrollar y transformar la educación en las direcciones deseadas. Es un imperativo no sólo político-democrático - derecho ciudadano a la información, a la consulta y a la iniciativa, a la transparencia en la gestión de lo público - sino de relevancia, eficacia y sustentabilidad de las acciones emprendidas.

Del mismo modo, se empieza a hablar de la ecología del conocimiento, “el conocimiento científico no se distribuye socialmente de manera equitativa” (De Sousa Santos, 2010), según esta teoría, el conocimiento inicialmente fue concertado para tener dos tipos, en primer lugar, sujetos de conocimiento y por otro, objetos de conocimiento. Esto se evidencia en el favorecimiento de los grupos sociales y en la brecha educativa y de conocimiento científico. Pero no solo se trata de una desbalanceada distribución, sino “las condiciones del capitalismo y el colonialismo, el conocimiento científico tiene límites intrínsecos en relación con los tipos de intervención en el mundo real que hace posible” (De Sousa Santos, 2010).

Por lo tanto, en ese sentido no solo hablamos de la falta al acceso a la educación básica, las brechas sociales marcadas por el analfabetismo, sino también la desequilibrada distribución del conocimiento, lo que en últimas se empieza a ver como un privilegio de clases medias y altas.

Así como Fraire habló del derecho al conocimiento, De Sousa Santos cuestionó esto mismo, pues insistió en la supresión de este derecho original “fue responsable del epistemicidio masivo sobre el que la modernidad occidental construyó su monumental conocimiento imperial” haciendo una dura crítica al modelo tradicional de conocimiento y el método para producirlo. El autor propone, que los conocimientos deberían ser alternativos, fundamentados desde el sur no imperial, por lo tanto, se propone que el derecho a los conocimientos alternativos sea el derecho a alejarse del conocimiento-regulación, dirigido hacia la dirección del conocimiento-emancipación (De Sousa Santos, 2010).

Entonces, se propone que, si los conocimientos van a ser socializados entre y para los ciudadanos y/o comunidades, estos no deberían estar permeados por modelos de conocimientos tradicionales, pues estos, definitivamente, y según el abordaje teórico, de alguna manera, representan una sumisión y/o opresión.

La concertación de esos conocimientos necesita de la participación con la comunidad, porque pasan por los saberes, el razonamiento, la cultura, el cambio comunal y particular.

El Desarrollo sostenible obtenido luego del trabajo participativo comunitario es reconocido por impulsar la cooperación con los diversos actores sociales, impulsando una red de relaciones comunitarias traspasadas por el trabajo social.

La idea es orientar a la comunidad a la consolidación de un nuevo modo de comunicación y cooperación en el territorio. Pastor Seller propone cuatro aspectos para la

estrategia de gestión comunitaria:

- a) Integración de interlocutores (ciudadanos, poderes públicos, expertos, empresarios, etc.).
- b) Apertura hacia lo global, a la complejidad social.
- c) Actitudes y comportamientos de confianza, respeto mutuo y reconocimiento de las posibilidades y las limitaciones de los interlocutores.
- d) Sinergia creada a partir del diálogo, las alianzas y el intercambio de experiencias y competencias.

Esto, que no es más que un trabajo social, necesariamente abre su camino de la mano de la comunicación, “tanto para la percepción e investigación de los problemas, como para el desarrollo de estrategias de solución y transformación” (Pastor Seller, 2004).

Siguiendo esta línea Seller establece el término ‘*empowerment*’ comunitario, como una estrategia orientada a desarrollar habilidades y transferir responsabilidades a los sujetos involucrados, dándoles la opción y capacidad de autodirigirse.

El *empowerment* comunitario se dirige a impulsar el capital social local, entendido como un sistema de normas, organizaciones y redes, a través de los cuales los ciudadanos acceden a los procesos de toma de decisiones colectivas y que se traducen en políticas y programas sociales locales.

Por otro lado, también se piensa en una segunda estrategia, direccionada a propulsar un compromiso social “en torno a las necesidades sentidas y a la generación de un contexto favorecedor del desarrollo local a través de la coordinación interinstitucional e interdisciplinar” (Pastor Seller, 2004).

El objetivo de esta segunda estrategia es despertar en la comunidad sentido de pertenencia, afinidad e identificación.

APROPIACIÓN SOCIAL DEL CONOCIMIENTO

Como ya se explicó, la ASC es un proceso educativo que busca que el conocimiento científico sea llevado a escenarios comunitarios. Pero para entender esto, es importante entrar en sus orígenes, los cuales se remontan a lo que se conoce como: “La Sociedad del Conocimiento”, esta era un tipo de organización innovadora. Por medio de ella, los actores involucrados proponen nuevos espacios y escenarios de conocimiento, lo cual se logra, si, solo sí, se obtiene un alcance y transformación dentro de la comunidad implicada. Según Sebastián Marín, “esto – La Sociedad del Conocimiento- solo se logrará en la medida que se renueve y difunde, de tal manera que contribuya a la adaptación de los individuos al nuevo entorno, cambiante e inestable, y les permita tener una visión de futuro” (Marín Agudelo, 2012).

El camino recorrido por la Sociedad del Conocimiento ha propiciado que los trabajos científicos dentro y para las comunidades tengan una socialización de los aprendizajes,

impactando de alguna manera para que los actores de la sociedad comprendan dichos saberes. Este proceso recíproco y de aprehensión es lo que se conoce como Apropriación Social del Conocimiento.

Por lo tanto, podemos decir que, la ASC es un proceso que requiere de los conocimientos científicos y tecnológicos, pero a su vez, que las personas interactúen con esta producción científica, es decir, que la tomen como propia; esto significa que, esa producción casi que obligatoriamente debe ser útil para su cotidianidad. “ASC, desde la óptica de la sociedad del conocimiento, significa, entonces, la democratización del acceso y uso del conocimiento científico y tecnológico, como estrategia para su adecuada transmisión y aprovechamiento entre los distintos actores sociales, que derivará en el mejoramiento de la calidad de vida de las comunidades y sus integrantes” (Marín Agudelo, 2012). Los dos objetivos de la ASC, indiscutiblemente deben ser mediados a través de un común denominador, la comunicación, en aras de obtener un buen fin.

En concordancia con lo anterior, es importante destacar cómo el Ministerio de Ciencia Tecnología e Innovación: Minciencias Colombia, define la ASC. Para esta entidad, se trata de un proceso mediante el cual se genera conocimiento aplicando, gestionado y produciendo ciencia, “es un proceso que convoca a los ciudadanos a dialogar e intercambiar sus saberes, conocimientos y experiencias, promoviendo entornos de confianza, equidad e inclusión para transformar sus realidades y generar bienestar social” (Minciencias, 2020).

Dicho esto, hay que resaltar que el elemento fundamental de la ASC, esta es, la información, pues sin ella, La Sociedad del Conocimiento no se puede producir ni reproducir. Para Livia Reyes, la información es el aspecto más relevante de La Sociedad del Conocimiento, pues aporta de manera estratégica a varias disciplinas, “En la ciencia, por ejemplo, sirve como fuente primaria para la producción de nuevo conocimiento; en la educación, en lo que tiene que ver con la creación de nuevos hábitos de aprendizaje y herramientas de enseñanza; y en la cultura, en lo concerniente a la recuperación de la memoria y el patrimonio” (Reyes, 2011).

Cuando la investigación y el desarrollo tecnológico hacen sinergia y desencadenan conocimientos, estos pasan a ser bienes públicos, que suponen un acceso libre para individuos, organizaciones, instituciones o la comunidad; Para Fernando Chaparro, esto, definitivamente es ASC. El autor considera que, basado en ese capital social, la comunidad puede adaptarse y transformarse. “Si se logra esta dinámica, el conocimiento puede empoderar una comunidad, o una empresa, para solucionar sus problemas y construir su futuro” (Chaparro, 2003).

Por lo cual, hablar de democratización del conocimiento se hace imperante, pues en la medida en que estos saberes se popularizan, las transformaciones cotidianas emergerán más fácil, “conocimiento debe socializarse para tener un impacto real” (Chaparro, 2003).

Es precioso adicionar que, además de la socialización, la ASC debe sustentarse en un proceso de aprendizaje social, por lo que los saberes empíricos y vivenciales toman

fuerza, en la medida en la que se reproducen en las organizaciones y/o comunidades, concluyendo en habilidades y destrezas de las personas, que les permite transformaciones para sus entornos, “el aprendizaje es el proceso fundamental que lleva del conocimiento a la innovación y al cambio social” (Chaparro, 2003); dicho de otro modo, es un camino que transitan los actores sociales y la comunidad científica, de la mano de la educación y la comunicación.

En concordancia con esto, vale la pena resaltar, por ejemplo, algunas de las formas de aplicar la ASC. En este caso, se resaltan los Lineamientos para una Política Nacional de Apropiación Social del Conocimiento de Minciencias Colombia .

- Desarrollando proyectos de Ciencia Tecnología e Innovación para solucionar, fortalecer y mejorar asuntos de interés social a través de un intercambio de saberes entre las personas o grupos sociales, que se conviertan en experiencias positivas en un contexto determinado.
- Acercando, desde la ciencia ciudadana, los grupos sociales con las comunidades científicas e investigadores en una dinámica en donde ciudadanos y científicos, aportamos conocimiento en igualdad de condiciones.
- Adaptando en nuestros contextos experiencias de Ciencia Tecnología e Innovación desarrolladas por otros grupos sociales y que han tenido resultados favorables en la atención de demandas colectivas.

La invitación de Minciencias, alcanza a vislumbrar lo que supone un adecuado proceso de ASC. Adicional a eso, y para terminar de abordar teóricamente este ítem, es pertinente adicionar que, con estos procesos de aprehensión social, se busca promover la inclusión de todos los actores sociales, tanto privados, como públicos en la co-creación de ciencia, mediada a través de la tecnología y la comunicación. A partir de esto, se espera como fin último el fortalecimiento de las capacidades humanas y técnicas en los territorios y que se traduzcan en transformación para la comunidad.

CONCLUSIONES

De la investigación teórica se puede concluir que efectivamente, las grandes transformaciones coyunturales de las comunidades van permeadas desde la educación, pero no hablamos de la educación alfabetizadora impartida en todas las escuelas, los procesos son mucho más profundos, críticos e incipientes en generar no solo cambios en los contextos sociopolíticos, sino en los pensamientos de las y los participantes de dichos procesos.

Por otro lado, es importante destacar que, para que las mencionadas transformaciones comunitarias se gesten a través de la educación, esta no puede operar sola. De tal modo, la comunicación empieza a trazar lazos que conectan a los medios con la educación, y de este modo, también a las comunidades - entendiendo por comunidad, no solo a la rural o

distante, sino a las que no tiene acceso a educación popular y de calidad; las alejadas del conocimiento científico emancipador-.

Entendido los procesos edu-comunicativos, se habla de Apropiación Social del Conocimiento. Por lo tanto, la comunidad científica requiere de la comunicación para poder adentrarse en el universo de saberes de las comunidades, para que a través de ella se logre la confianza y el acercamiento al territorio.

La comunicación sí o sí es un puente para la generación de Apropiación Social del Conocimiento, porque no solo da estrategias, sino cercanía entre las partes involucradas en dichos procesos y que, además, estos procesos pluridireccionados desde la ciencia la comunicación y la educación, generan conocimiento y, por ende, democratizan los saberes.

METODOLOGÍA

Investigación Documental

Enfoque: cualitativo.

Carácter: interpretativa.

Alcance: exploratorio, descriptivo.

Diseño de investigación: diseño transeccional descriptivo.

Población Muestra: descriptivo y documental.

REFERENCIAS

BARBERO, M, J. (1998). Heredando el futuro: pensar la educación desde la comunicación. *Cultura y Educación: Culture and Education*, (9), 17-36.

CHAPARRO, F. (2003). Apropiación social del conocimiento, aprendizaje y capital social. In *Simposio Internacional sobre Ciencia y Sociedad*.

DE SOUSA SANTOS, B. (2010). *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Ediciones Trilce.

FREIRE, P., GADOTTI, M., GUIMARÃES, S., y HERNÁNDEZ, I. (1996). *Pedagogía: diálogo y conflicto*.

FUENZALIDA, Valerio. 1985. La recepción activa de Televisión. *Chasqui* 16: 4-7

HOYOS, G. (2007). *Comunicación, educación y ciudadanía. Borradores para una filosofía de la educación*, Siglo XXI editores, Bogotá.

HUERGO, J. A., & FERNÁNDEZ, M. B. (1997). *Comunicación, educación: ámbitos, prácticas y perspectivas*. Facultad de Periodismo y Comunicación Social Universidad Nacional de la Plata.

IBÁÑEZ, C., 2020. *Apropiación Social Del Conocimiento | Colciencias*. [online] [Legadoweb.minciencias.gov.co](https://legadoweb.minciencias.gov.co/programa_estrategia/apropiacion-social-del-conocimiento). Recuperado de: https://legadoweb.minciencias.gov.co/programa_estrategia/apropiacion-social-del-conocimiento.

MARÍN, S. (2012). Apropiación social del conocimiento: una nueva dimensión de los archivos. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, 35(1), 55-62.

MINCIENCIAS. 2020. *Lineamientos Para Una Política Nacional De Apropiación Social Del Conocimiento*. Recuperado de: https://minciencias.gov.co/sites/default/files/documento_de_lineamientos_para_la_politica_nacional_de_apropiacion_social_del_conocimiento_1.pdf

MINEDUCACIÓN. Ministerio Educación Nacional. Escuela Nueva - Ministerio de Educación Nacional de Colombia. [online] Mineduacion.gov.co. visto en: <https://www.mineduacion.gov.co/1759/w3-article-340089.html?_noredirect=1

MORENO, Ó. J. C. (2008). Reflexiones sobre la educación rural en el marco de la comunicación-educación. *Civilizar. Ciencias sociales y humanas*, 8(15), 89-102.

PASTOR SELLER, E. (2004). La participación ciudadana en el ámbito local, eje transversal del trabajo social comunitario. *Alternativas. Cuadernos de Trabajo Social*, N. 12 (diciembre 2004); pp. 103-137.

REYES, L. M. (2011). La innovación social como atributo de la actividad informacional. *Ciencias de la Información*, 42(2), 5-10.

TORRES, J. A. M. (1967). Fenomenología crítica y teoría de la evidencia en Husserl. In *Logos. Anales del Seminario de Metafísica* (No. 2, pp. 7-46).

TORRES, R. M. (2001). Participación ciudadana y educación. Una mirada amplia y 20 experiencias en América Latina. OEA (Organización de Estados Americanos), Washington.

SOBRE O ORGANIZADOR

MIGUEL RODRIGUES NETTO - Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT (2005) e Licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade Cesumar – UNICESUMAR (2016). Especialista em Gestão da Comunicação Pública e Responsabilidade Social pelo Instituto Várzea-Grandense de Educação – IVE (2007) e Especialista em Gestão da Comunicação Empresarial pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá – FIJ/RJ (2012). Mestre em Política Social, Estado e Direitos Sociais pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso (2011). Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP (2019). Pós-Doutorando em Direitos Humanos pelo Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca – CEB/USAL – Espanha. Professor Adjunto II da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat tendo atuado nos Câmpus Universitários de Alto Araguaia, Sinop e atualmente Tangará da Serra, além do Núcleo Pedagógico de Vila Rica. Ministra disciplinas em diferentes áreas do conhecimento tais como Ciência Política, Cibercultura, Comunicação, Cidadania e Movimentos Sociais, Comportamento do Consumidor, Economia Política, Gestão de Empresas de Mídia, Leitura e Produção de Texto, Leitura e Produção Textual em Língua Francesa, Políticas de Comunicação, Realidade Socioeconômica e Política Brasileira e Sociologia da Comunicação. Integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unemat, na linha de pesquisa estudo de processos discursivos. Atua como pesquisador na Rede de Pesquisadores em Estado, Políticas Públicas e Formação Humana – UERJ/UNEMAT. Também atua no grupo de pesquisa Políticas, Públicas, Estado, Direito e Sociedade – PPDES/UNEMAT. Também integra o grupo de pesquisa Discurso das Mídias Sociais - Dismídias e Grupo de Estudos do Discurso do Centro-Oeste - GEDisCO. Presidiu a Câmara de Educação Profissional e Educação Superior do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso – CEPS/CEE/MT (2017-2019). Tem como campo de pesquisa as áreas de Ciência Política, Comunicação, Educação, Linguística, Políticas Públicas e Sociologia. Organizador do livro *Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais* volumes 1 e 2 publicado pela Atena editora.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artistas 41, 80, 84, 86, 91, 100, 120

C

Carreira 36, 56, 81, 84, 86

Comunicação 1, 3, 7, 13, 14, 20, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 48, 49, 52, 53, 54, 65, 66, 68, 72, 74, 99, 100, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 125, 128, 140

Comunidade 127, 128, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Conocimiento 127, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 3, 6, 9, 27, 28, 30, 45, 49, 75, 80, 99, 100, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 134, 136, 138

D

Discurso 34, 39, 50, 53, 54, 55, 66, 89, 99, 100, 101, 102, 109, 111, 112, 120, 125, 140

E

Educação 2, 7, 9, 12, 29, 30, 66, 67, 68, 69, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 101, 124, 128, 140

F

Feminicídio 14, 15, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25

G

Gênero 14, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 45, 49, 53, 100, 101, 111

H

Herramientas 127, 128, 129, 131, 136

J

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 33, 50, 102, 140

L

Legislação 23, 75, 76

M

Merchandising 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Metaverso 27, 28, 32, 33, 48, 50

Mídia 14, 17, 30, 48, 53, 54, 55, 66, 67, 68, 75, 77, 78, 99, 111, 123, 140

P

Paradigma 30, 123, 130

Participación 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139

Política 25, 28, 29, 34, 35, 39, 45, 46, 50, 100, 102, 107, 109, 110, 111, 114, 118, 124, 131, 137, 139, 140

Q

Quadrinhos 99, 100, 104, 105, 111, 112

R

Redes sociais 3, 4, 5, 7, 8, 34, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 76, 82, 93, 118

Reflexão 1, 2, 3, 9, 10, 38, 52, 117

S

Saúde 34, 45, 48, 71, 73, 74, 75, 76

Social 1, 2, 3, 4, 10, 11, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 31, 39, 46, 47, 48, 50, 53, 66, 68, 72, 73, 76, 78, 79, 80, 81, 89, 97, 99, 101, 102, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 120, 122, 123, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Sociedade 4, 10, 13, 16, 17, 23, 24, 38, 40, 53, 54, 68, 72, 74, 75, 76, 89, 101, 102, 109, 114, 115, 117, 118, 119, 123, 124, 125, 140

T

Tambores 27, 28, 29, 31

Televisão 14, 18, 19, 21, 24, 25, 31, 32, 35, 52, 53, 54, 65, 69, 73, 75, 85, 92, 100, 102, 116, 117

Toxicômanos 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 78

Transformação 37, 41, 59, 60, 101

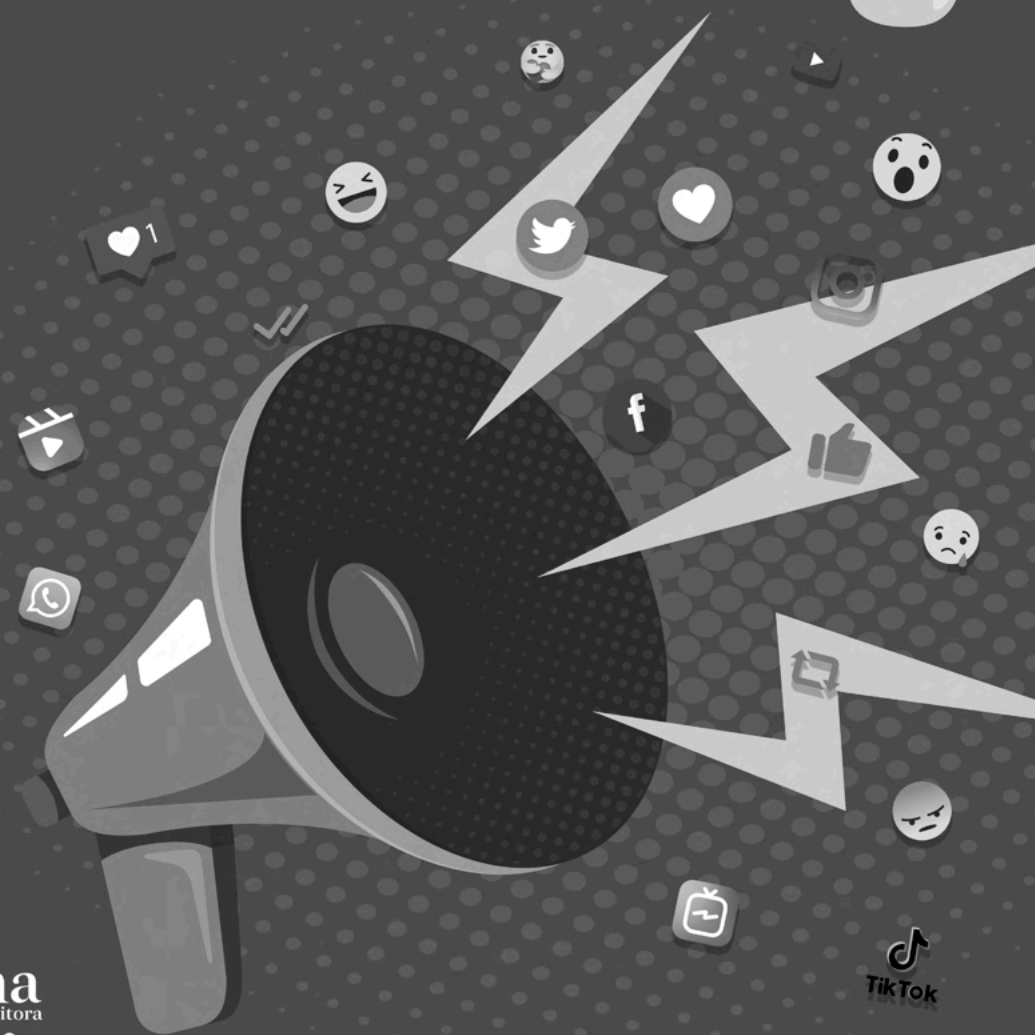
Tribos 27, 28, 29

COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉️ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

3



COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

3

